

A linguagem serve à comunicação humana, em um processo que não é tão simples como muitos imaginam: nos comunicamos por textos que são constituídos de vários fatores e que têm usos específicos. Toda comunicação pressupõe a presença dos seis elementos básicos da comunicação: emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente.

As mensagens, normalmente, pretendem destacar um desses fatores, originando as diferentes funções da linguagem. Por isso, existem seis elementos da comunicação e seis funções da linguagem, cada uma delas associada a um elemento.

Por exemplo, quando a ênfase da comunicação recai sobre o emissor da mensagem, temos a função emotiva. É o que acontece nos poemas românticos byronianos. Quando a comunicação se centra no receptor, temos a função conativa. Um exemplo são as passagens dos romances machadianos em que o narrador se dirige explicitamente ao leitor. Finalmente, quando o texto valoriza o referente, ou seja, o assunto da mensagem, a informação em si, temos exemplo de função referencial, que aparece nos boletins meteorológicos.

Francisco Platão Savioli

Revisando as Funções da Linguagem

1) Função emotiva ou expressiva: valorização do emissor

Principais marcas textuais

- ✓ pronomes de primeira pessoa
- ✓ interjeições/exclamações
- ✓ palavras avaliativas

2) Função conativa ou apelativa: valorização do receptor

Principais marcas textuais

- ✓ pronomes de segunda pessoa
- ✓ pronomes de tratamento
- ✓ vocativos
- ✓ verbos no imperativo

3) Função referencial ou informativa: valorização do referente

Principais marcas textuais

- ✓ pronomes de terceira pessoa
- ✓ efeito de sentido de objetividade
- ✓ precisão conceitual
- ✓ valorização da denotação

4) Função fática: valorização do canal

Principais marcas textuais

- ✓ uso de marcadores de conversação
- ✓ emprego de expressões cristalizadas da fala

5) Função metalinguística: valorização do código

Principais marcas textuais

- ✓ uso de “expressões tradutoras”
- ✓ busca da precisão conceitual
- ✓ tentativa de explicar o próprio código

6) Função poética: valorização da mensagem

Principais marcas textuais

- ✓ tentativa de estabelecer correlações entre o plano da expressão e o plano do conteúdo

- ✓ valorização do “modo de dizer”

Resumo das principais Figuras de Linguagem

Assonância: Repetição sistemática de fonema vocálico.

Aliteração: Repetição do mesmo fonema consonantal.

Onomatopeia: Imitação linguística dos sons do mundo natural.

Comparação: Relação de semelhança com partícula comparativa evidente.

Metáfora: Relação de semelhança sem partícula comparativa.

Catacrese: Metáfora cristalizada ou desgastada pelo uso.

Prosopopeia (ou personificação): Atribuição de traços humanos a seres não humanos.

Sinestesia: A mistura de pelo menos dois dos cinco sentidos (audição, olfato, paladar, visão e tato).

Metonímia: Substituição de uma palavra por outra em vista de uma relação de proximidade, contiguidade, causalidade ou implicação mútua, como quando se usa o autor pela obra, a marca pelo produto, o efeito pela causa ou o continente pelo conteúdo.

Sinédoque: Tipo de metonímia que estabelece uma relação de parte pelo todo ou de todo pela parte.

Antítese: Aproximação de dois termos ou duas expressões de sentidos opostos.

Paradoxo: Tipo de antítese que gera contradição.

Ironia: Figura que consiste em dizer algo e querer que se interprete o contrário do que se disse.

Elipse: Supressão de um termo que pode ser depreendido do contexto.

Zeugma: Tipo de elipse que consiste em omitir um termo que já apareceu no enunciado.

Silepse: Figura de linguagem que promove a concordância com uma ideia implícita.

Assíndeto: Supressão da(s) conjunção(ões) que ligaria(m) termos coordenados.

Polissíndeto: Repetição da mesma conjunção em enumerações.

Hipérbato: Quebra da ordem direta.

Anacoluto: frase quebrada, ou seja, a ruptura causada pela interrupção de um modelo sintático e posterior passagem a outro modelo, gerando um termo ou uma expressão que fica sem função sintática na nova construção.

Anáfora: Repetição de um termo no início de versos ou períodos.

Pleonismo: Repetição de uma ideia, para reforçá-la.

Eufemismo: Atenuação de uma ideia inoportuna.

Hipérbole: Exagero na expressão de uma ideia.

EXERCÍCIOS DO ENEM

1. (Enem 2018) O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.

BARROS, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro; Best Seller. 2008.

O sujeito poético questiona o uso do vocábulo “enseada” porque a

- a) terminologia mencionada é incorreta.
- b) nomeação minimiza a percepção subjetiva.
- c) palavra é aplicada a outro espaço geográfico.
- d) designação atribuída ao termo é desconhecida.
- e) definição modifica o significado do termo no dicionário.

2. (Enem 2016) Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto

- a) ressaltar a importância da intertextualidade.
- b) propor leituras diferentes das previsíveis.
- c) apresentar o ponto de vista da autora.
- d) discorrer sobre o ato de leitura.
- e) focar a participação do leitor.

3. (Enem 2013) Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES, S. “Sobre palavras”. *Veja*, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro

e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- a) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- b) “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- c) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- d) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- e) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

4. (Enem 2013)



CURY, C. Disponível em: <http://tirasnacionais.blogspot.com>. Acesso em: 13 nov. 2011.

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

- a) crítica, expressa pelas ironias.
- b) resignada, expressa pelas enumerações.
- c) indignada, expressa pelos discursos diretos.
- d) agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- e) alienada, expressa pela negação da realidade.

5. (Enem 2013) **Capítulo LIV — A pêndula**

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de

devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

6. (Enem 2012)

Aquele bêbado

— Juro nunca mais beber — e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: — Álcool.

O mais, ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um pileque de Segall. Nos fins de semana embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

— Curou-se 100% de vício — comentavam os amigos.

Só ele sabia que andava bêbado que nem um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féretro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, C. D. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A *causa mortis* do personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma

- a) metaforização do sentido literal do verbo “beber”.
- b) aproximação exagerada da estética abstracionista.
- c) apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.
- d) exploração hiperbólica da expressão “inúmeras coroas”.
- e) citação aleatória de nomes de diferentes artistas.

7. (Enem 2012)



Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

8. (Enem 2010) Testes

Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet. O nome do teste era tentador: “O que Freud diria de você”. Uau. Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”. Perfeito! Foi exatamente o que aconteceu comigo. Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise, e ele acertou na mosca.

Estava com tempo sobrando, e curiosidade e algo que não me falta, então resolvi voltar ao teste e responder tudo diferente do que havia respondido antes. Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver com minha personalidade. E fui conferir o resultado, que dizia o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os 12 anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”.

MEDEIROS, M. *Doidas e santas*. Porto Alegre, 2008 (adaptado).

Quanto às influências que a internet pode exercer sobre os usuários, a autora expressa uma reação irônica no trecho:

- a) “Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver”.
- b) “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos”.
- c) “Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet”.
- d) “Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte”.
- e) “Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise”.

9. (Enem 2009) Oximoro, ou paradoxismo, é uma figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Considerando a definição apresentada, o fragmento poético da obra **Cantares**, de Hilda Hilst, publicada em

2004, em que pode ser encontrada a referida figura de retórica é:

- a) “Dos dois contemplo
rigor e fixidez.
Passado e sentimento
me contemplam” (p. 91).
- b) “De sol e lua
De fogo e vento
Te enlaço” (p. 101).
- c) “Areia, vou sorvendo
A água do teu rio” (p. 93).
- d) “Ritualiza a matança
de quem só te deu vida.
E me deixa viver
nessa que morre” (p. 62).
- e) “O bisturi e o verso.
Dois instrumentos
entre as minhas mãos” (p. 95).

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...

O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

10. (Enem 2009) Na estruturação do texto, destaca-se

- a) a construção de oposições semânticas.
- b) a apresentação de ideias de forma objetiva.
- c) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.
- d) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.
- e) a inversão da ordem sintática das palavras.

11. (Enem 2009) Predomina no texto a função da linguagem

- a) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A EMA

O surgimento da figura da Ema no céu, ao leste, no anoitecer, na segunda quinzena de junho, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o começo da estação seca para os do norte. É limitada pelas constelações de Escorpião e do Cruzeiro do Sul, ou *Cut'uxu*. Segundo o mito guarani, o *Cut'uxu* segura a cabeça da ave para garantir a vida na Terra, porque, se ela se soltar, beberá toda a água do nosso planeta. Os tupis-guaranis utilizam o *Cut'uxu* para se orientar e determinar a duração das noites e as estações do ano.

A ilustração a seguir é uma representação dos corpos celestes que constituem a constelação da Ema, na percepção indígena.



Almanaque Brasil, maio/2007 (com adaptações).

A próxima figura mostra, em campo de visão ampliado, como povos de culturas não indígenas percebem o espaço estelar em que a Ema é vista.



Internet: <geocities.yahoo.com.br> (com adaptações).

12. (Enem 2008) Assinale a opção correta a respeito da linguagem empregada no texto *A Ema*.

- a) A palavra *Cut'uxu* é um regionalismo utilizado pelas populações próximas às aldeias indígenas.
- b) O autor se expressa em linguagem formal em todos os períodos do texto.
- c) A ausência da palavra Ema no início do período "É limitada (...)" caracteriza registro oral.
- d) A palavra *Cut'uxu* está destacada em itálico porque integra o vocabulário da linguagem informal.
- e) No texto, predomina a linguagem coloquial porque ele consta de um almanaque.

13. (Enem 2007)

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
[dono da mercearia].
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
(...)

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8.

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

14. (Enem 2006)

No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

¹Não se conformou: devia haver engano. (...) Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, ²e Fabiano perdeu os estribos. ³Passar a vida inteira assim no toco, ⁴entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria?

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

⁵Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. 91ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence à variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

- a) "Não se conformou: devia haver engano" (ref. 1).
- b) "e Fabiano perdeu os estribos" (ref. 2).
- c) "Passar a vida inteira assim no toco" (ref. 3).
- d) "entregando o que era dele de mão beijada!" (ref. 4).
- e) "Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou" (ref. 5).

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

AULA DE PORTUGUÊS

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando

o Amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a priminha.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. *Esquecer para lembrar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

15. (Enem 2006) No poema, a referência à variedade padrão da língua está expressa no seguinte trecho:

- a) "A linguagem / na ponta da língua" (v.1 e 2).
- b) "A linguagem / na superfície estrelada de letras" (v.5 e 6).
- c) "[a língua] em que pedia para ir lá fora" (v.14).
- d) "[a língua] em que levava e dava pontapé" (v.15).
- e) "[a língua] do namoro com a priminha" (v.17).

16. (Enem 2005) O termo (ou expressão) destacado que está empregado em seu sentido próprio, denotativo ocorre em

- a) "(...)
É de laço e de nó
De gibeira o jiló
Dessa vida, CUMPRIDA A SOL (...)"
(Renato Teixeira. "Romaria". Kuarup Discos. setembro de 1992).

- b) "Protegendo os inocentes
é que Deus, sábio demais,
põe CENÁRIOS diferentes
nas impressões digitais."
(Maria N. S. Carvalho. "Evangelho da Trova". /s.n.b.)

- c) "O DICIONÁRIO-PADRÃO da língua e os dicionários unilíngues são os tipos mais comuns de dicionários. Em nossos dias, eles se tornaram um objeto de consumo obrigatório para as nações civilizadas e desenvolvidas."
(Maria T. Camargo Biderman. *O dicionário-padrão da língua*. Alta (28), 2743, 1974 Supl.)

d)



(O Globo. O menino maluquinho. agosto de 2002.)

- e) "Humorismo é a arte de FAZER CÓCEGAS NO RACIOCÍNIO dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir; o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer."
(Leon Eliachar. "www.mercadolivre.com.br". acessado em julho de 2005.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Leia estes poemas.

Texto 1 - AUTO-RETRATO

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico* profissional.

(Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1983. p. 395.)

(*) tísico = tuberculoso

Texto 2 - POEMA DE SETE FACES

Quando eu nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.
(...)
Meu Deus, por que me abandonaste

se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.
Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 53.)

17. (Enem 2005) No verso "Meu Deus, por que me abandonaste" do texto 2, Drummond retoma as palavras de Cristo, na cruz, pouco antes de morrer. Esse recurso de repetir palavras de outrem equivale a
- emprego de termos moralizantes.
 - uso de vício de linguagem pouco tolerado.
 - repetição desnecessária de ideias.
 - emprego estilístico da fala de outra pessoa.
 - uso de uma pergunta sem resposta.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A DANÇA E A ALMA

A DANÇA? Não é movimento,
súbito gesto musical.
É concentração, num momento,
da humana graça natural.
No solo não, no éter pairamos,
nele amaríamos ficar.
A dança - não vento nos ramos;
seiva, força, perene estar.
Um estar entre céu e chão,
novo domínio conquistado,
onde busque nossa paixão
libertar-se por todo lado...
Onde a alma possa descrever
suas mais divinas parábolas
sem fugir à forma do ser,
por sobre o mistério das fábulas.

(Carlos Drummond de Andrade. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 366.)

18. (Enem 2005) O poema "A Dança e a Alma" é construído com base em contrastes, como "movimento" e "concentração". Em uma das estrofes, o termo que estabelece contraste com solo é:
- éter.
 - seiva.
 - chão.
 - paixão.
 - ser.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
- Sois cristão?
- Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzó saído da fornalha
Tomou a palavra e respondeu
- Sim pela graça de Deus
- Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

(Oswald de Andrade)

19. (Enem 2004) A polifonia, variedade de vozes, presente no poema resulta da manifestação do
- poeta e do colonizador apenas.
 - colonizador e do negro apenas.
 - negro e do índio apenas.
 - colonizador, do poeta e do negro apenas.
 - poeta, do colonizador, do índio e do negro.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

FRANK & ERNEST/Bob Thaves



20. (Enem 2004) Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a
- metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.
 - intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.
 - ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.
 - denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.
 - prosopopeia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.
21. (Enem 2004) Nesta tirinha, a personagem faz referência a uma das mais conhecidas figuras de linguagem para
- condenar a prática de exercícios físicos.
 - valorizar aspectos da vida moderna.
 - desestimular o uso das bicicletas.

- d) caracterizar o diálogo entre gerações.
- e) criticar a falta de perspectiva do pai.

22. (Enem 2003) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

- a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
- b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
- c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
- d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
- e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

23. (Enem 2001) OXÍMORO (ou PARADOXO) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha a seguir) expressa o maior de todos os oxímoros.

GARFIELD - Jim Davis



Folha de S. Paulo, 31 de julho de 1978

Nas alternativas a seguir, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em

- a) "Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão."
- b) "... a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era sua escravidão."
- c) "Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava."
- d) "... o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário."
- e) "Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão."
(MORAES, Vinícius de. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.)

24. (Enem 2000) Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de "Bicho urbano", poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada.

A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991)

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

- a) "e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada."
- b) "ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho"
- c) "A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas"
- d) "suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto"
- e) "me assusta quase tanto quanto / esse abismo/ de gases e de estrelas"

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Amor é fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
é solitário andar por entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís de Camões)

25. (Enem 1998) O poema tem, como característica, a figura de linguagem denominada antítese, relação de oposição de palavras ou ideias. Assinale a opção em que essa oposição se faz claramente presente.

- a) "Amor é fogo que arde sem se ver."
- b) "É um contentamento descontente."
- c) "É servir a quem vence, o vencedor."
- d) "Mas como causar pode seu favor."
- e) "Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

CURSO
Saber 

Gabarito Comentado:

Resposta da questão 1: [B]

A linguagem denotativa usada pelo estranho para caracterizar o conjunto de elementos naturais do espaço contrastava com as imagens carregadas de subjetividade que o eu lírico construiu sobre o local em que morava.

Resposta da questão 2: [D]

A principal característica da função metalinguística é o fato de a mensagem estar centrada no próprio código como, por exemplo, nos dicionários, cujos verbetes explicam a própria palavra. No texto do enunciado, a autora chama a atenção do leitor para a importância do ato de ler, pelo que é correta a opção [D].

Resposta da questão 3: [E]

Na frase da opção [E], existe elipse do sujeito na oração “que fizesse referência ao modo violento” para evitar a repetição do segmento anterior a que se refere: “a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”.

Resposta da questão 4: [A]

É correta a opção [A], pois a oposição entre o que é afirmado no cabeçalho de cada quadro e as posturas assumidas pelos personagens revela crítica e, também, ironia, figura de linguagem em que se declara o contrário do que se pensa.

Resposta da questão 5: [D]

Através da simbologia do relógio, Brás Cubas faz uma distinção entre o tempo qualitativo, repleto de sensações agradáveis pelo beijo com Virgília, com o tempo quantitativo, mensurável e mecânico que assinala a brevidade da vida. Ou seja, o tempo que antes era encarado com enfado pelas sensações de perda que provocava, passa a ser objeto de prazer quando, através da memória, revive os momentos passados com a mulher amada. Embora o escapismo, idealização e subjetividade sejam características do Romantismo, o fato de estarem associados ao amor por uma mulher adúltera desconstrói esses paradigmas. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 6: [A]

Em “Aquele bêbado”, o personagem decidiu que iria deixar de consumir álcool, mas acabou por morrer de “etismo abstrato”. O paradoxo da expressão revela o uso metafórico do verbo “beber” para descrever a atitude apaixonada de quem se entrega às sensações para admirar intensamente o espetáculo da vida e usufruir do prazer pleno que as múltiplas e variadas manifestações artísticas lhe provocavam.

Resposta da questão 7: [A]

Trata-se de polissemia da expressão “rede social”, pois tanto pode aludir a interligação de computadores para uso da internet como designar uma espécie de leito/balanco onde dorme toda uma família.

Resposta da questão 8: [E]

Ao afirmar que havia realizado uma consulta paranormal com o “pai” da psicanálise, a autora usa a ironia, figura de linguagem que reproduz o oposto do que realmente se pensa. A paranormalidade contraria o cientificismo da teoria de Freud, o que foi confirmado pelo resultado do teste obtido na segunda tentativa em que respostas diferentes obtiveram a mesma conclusão.

Resposta da questão 9: [D]

O trecho da alternativa “d” tem os elementos que caracterizam a referida figura de linguagem (o oxímoro), que se evidencia por meio dos vocábulos: “matança/vida; viver/morre”.

Resposta da questão 10: [D]

No texto, há a predominância de aliteração, que, foneticamente é representada pela consoante “v”. Caracterizada por meio dos versos: “O vento varria os sonhos, e varria as amizades, o vento varria as mulheres... [...]”. No que se refere às construções sintáticas, estas apresentam semelhança nos três grupos de versos, ou seja, todos são dotados dos termos essenciais que compõem a oração: sujeito, predicado e complemento.

Resposta da questão 11: [E]

O texto referido é poético, cuja construção pauta-se pelo emprego de uma linguagem figurada na qual o autor utilizou-se de alguns recursos expressivos, conferindo uma autêntica expressividade à linguagem.

Resposta da questão 12: [B]

A linguagem referencial ou denotativa é comum em textos informativos, científicos ou culturais, como a que é usada no artigo em questão.

Resposta da questão 13: [E]

Na última estrofe do poema de Gullar existe uma antítese configurada na oposição entre “usinas escuras,/homens de vida amarga/e dura” e “açúcar/branco e puro”, configurando simbolicamente a divisão social do trabalho na sociedade brasileira.

Resposta da questão 14: [A]

Em todas as opções existem expressões típicas da linguagem coloquial (“perdeu os estribos”, passar ...no toco, “mão beijada”, “amunhecou”), exceto em A, que apresenta o padrão formal da linguagem. Ao optar pelo padrão culto, “Perdeu o controle”, “resistir às dificuldades”, “sem fazer nenhuma exigência” e “fraquejou” substituiriam corretamente as expressões coloquiais nas opções B, C, D e E, respectivamente.

Resposta da questão 15: [B]

A modalidade escrita representa a variedade padrão da língua (“A linguagem / na superfície estrelada de letras”).

Resposta da questão 16: [C]

Apenas em [C] existe linguagem denotativa, referencial, que busca informar objetivamente o receptor e que é usada, sobretudo, em textos jornalísticos, científicos e outros de cunho apenas noticioso.

Resposta da questão 17: [D]

O eu lírico expressa o seu desalento invocando as palavras de Cristo na cruz, como se afirma em D.

Resposta da questão 18: [A]

A palavra “não” funciona como elemento de contraste entre “solo” e “éter”: “No solo não, no éter pairamos”.

Resposta da questão 19: [E]

O poema traduz, através do narrador, a visão irreverente de Oswald de Andrade sobre a formação do povo brasileiro. À sua voz, somam-se as dos participantes da história e estes falam em discurso direto: o colonizador (“Sois cristão?”), o índio (“Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte/ Teterê tetê Quizá Quizá Quecê índio!”) e o negro (“Sim pela graça de Deus negro”).

Resposta da questão 20: [C]

Ao associar a bicicleta ergométrica à postura do pai perante a vida, o personagem ironiza e critica esse tipo de atitude. As definições das demais opções estão corretas, mas não se aplicam à tirinha em questão.

Resposta da questão 21: [E]

A bicicleta ergométrica, que não sai do lugar nem vai a nenhum, torna-se símbolo de comparação para o personagem criticar a falta de perspectivas do pai.

Resposta da questão 22: [E]

A ambiguidade do título resulta do deslocamento do adjunto adnominal “do governo do Estado” relativamente ao substantivo a que corresponde (“campanha”) e não “violência”, o que é corrigido na opção E.

Resposta da questão 23: [B]

Oxímoro ou paradoxo é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente, procedimento que acontece em [B], pois “liberdade” e “escravidão”, predicativos de “casa”, opõem-se significativamente.

Resposta da questão 24: [A]

Nos dois versos transcritos em A, o poeta mescla sensações visuais (“pão... branco” e “alvorada”) e gustativas (“sabor”), configurando a sinestesia.

Resposta da questão 25: [B]

A antítese ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos, como em “contentamento descontente”.